



BOLETIM

INTERNACIONAL

INTERNATIONAL

BULLETIN

2007/2

Nº24

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	2
Notícias das Comissões DIM/ MID.....	3
Notícias da Ajuda Intermonástica (AIM).....	4
Fiéis perseguidos.....	5
Outras notícias do diálogo de experiência religiosa.....	7
Livros.....	13
Documentos e Estudos	14
Sant Egidio e o Encontro de Nápoles: Apelo pela Paz.....	14
Andrea Ricardi: O Encontro de Nápoles e o Choque das Civilizações.....	16
Dom Tholens conta.....	16
Pierre de Béthune: Quarenta anos de história do DIM	17

EDITORIAL

Em primeiro de novembro de 2007, comecei meu mandato de três anos como secretário geral do DIM/MID, sucedendo à D. Pierre de Béthune, que preencheu esta função com tanta competência desde sua fundação em 1994. Uno-me a todos aqueles que se beneficiaram de sua ação de pioneiro, durante treze anos, para lhe agradecer por seu devotado serviço e para renovar nosso engajamento no exigente mas também gratificante trabalho do diálogo inter-religioso, que focaliza a prática e a experiência espirituais. Sou muito reconhecido a D. Pierre de querer de bom grado permanecer engajado no trabalho do DIM/MID, prosseguindo seu papel de editor do *Boletim Internacional* e se consagrando a levar adiante suas pesquisas e suas publicações. Agradeço-lhe igualmente por me dar a oportunidade de me apresentar aos leitores do Boletim internacional.

Ingressei na Abadia de São João (St. John's Abbey), em Collegeville, Minnesota, em 1958. Meu engajamento no diálogo inter-religioso monástico começou quando eu já estava bem inserido em minha vida monástica, embora me lembre o quanto me havia intrigado e entusiasmado a leitura do livro de Jean-Marie Déchanet sobre a *Ioga cristã*, no início dos anos sessenta. Após ter ensinado, durante uns vinte anos, a arte da homilia e a teologia e ter exercido um ministério pastoral, no Brasil, durante cinco anos; parti para o Japão, em 1994, e ali passei sete anos, no Priorado de S. João (St John) fundado por minha abadia. Pouco após minha chegada, comecei a praticar o zazen, estudando com Yamada Kôun Rôshi, no Sanbô Kyôdan, em Kamakura.

Em 1996, participei da importante conferência inter-religiosa organizada pelo MID norte-americano, na Abadia de Gethsemani. No ano seguinte, fui eleito membro da diretoria do MID. Em 2000, tornei-me presidente desta diretoria e, em 2005, seu diretor executivo. Em 2008, meu livro sobre a compreensão budista e cristã do celibato será lançado pelas edições Liturgical Press (*Demythologizing Celibacy: Practical Wisdom from Christian and Buddhist Monasticism*).

Para ser um eficaz coordenador do diálogo inter-religioso monástico, no nível internacional, creio ser importante familiarizar-me com o bom trabalho que foi e que ainda está sendo realizado no mundo monástico. Com esta finalidade, consagrarei 4 semanas, em dezembro e em janeiro de 2008, para visitar os mosteiros do sul da Índia, viajando, em seguida, pela Europa a fim de encontrar a maioria dos coordenadores regionais do DIM/MID europeu. Reencontrarei igualmente os responsáveis do Vaticano e de outras instâncias neste campo.

Começo meu trabalho com muito entusiasmo pela missão que nos é confiada pela Santa Sé, mas também com muita gratidão pelo apoio que já recebi e com confiança pelas vossas orações para que a graça de Deus complete ‘aquilo que falta à nossa natureza’ (RB Prol. 41).

Este número do Boletim contém notícias das atividades das comissões do DIM/MID e de monges do mundo inteiro, sobretudo da Birmânia, que estão engajados em um diálogo freqüentemente difícil, na situação atual. Nós publicamos igualmente alguns recentes documentos oficiais e reflexões sobre o papel dos monges no prosseguimento do trabalho de diálogo.

William Skudlarek osb

NOTÍCIAS DAS COMISSÕES DO DIM/MID

NOTÍCIAS DA ÁSIA E VISITA DO NOVO SECRETARIO DO DIM/MID

D. William Skudlarek, secretário geral das comissões do DIM/MID, fez questão de visitar a Índia, no início de seu mandato. Entre outros, ele pode visitar Asirvanam, Shanti Nilayam, Kappadu, Kurisumala et Shantivanam. Todos os mosteiros têm contatos inter-religiosos, coordenados pelo BID (Benedictine Interreligious Dialogue committee)

Asirvanam participa ativamente de uma iniciativa, 'Religion and peace making', que

se dirige, sobretudo, aos professores. Com efeito, é na idade escolar que se formam as idéias neste campo, para o melhor e para o pior.

Uma associação do jainismo convidou numerosas pessoas ao seu centro, no Punjab, para um congresso intitulado 'Unity of Men'. Treze pessoas monásticas fizeram esta viagem ao norte do país para dele participar.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA AUSTRÁLIA

A missão e o trabalho estimulantes do diálogo inter-religioso, sobretudo aqueles da experiência espiritual e da caminhada em comum, fazem progressos e se aprofundam na Austrália. Embora isto seja freqüentemente gratificante, requer, contudo, um profundo engajamento e uma prática espiritual, especialmente nos momentos de aparente lentidão nas respostas ou de incompreensão entre as partes. Entretanto, como muitos outros que têm uma longa experiência neste campo, percebo uma insistência quase irresistível do Espírito para que nós nos entreguemos a este apostolado. Sinto que há nada menos do que uma efusão 'pentecostal' e um don da força do Espírito de amor que se manifesta agora entre nós e em todas as pessoas, na inteira criação. Há uma espécie de urgência divina. O Espírito nos guia com discernimento, e nos empurra com uma verdadeira prudência; dando-nos, ao mesmo tempo, uma antecipação impaciente, para que possa emergir uma realidade que não é ainda senão vagamente perceptível, mas que está já presente em nossas experiências. Creio que, como um Pentecostes, esta realidade que emerge é um sinal indubitável da vinda do Reino, que nos empurra em direção à sua realização. Neste Reino, Norte, Sul, Este e Oeste convergem em direção ao centro através das realidades espirituais que nós moldamos juntos.

Preferi entregar-me às considerações acima, em vez de fazer a enumeração quase impossível de todos os encontros que ocorreram em nossas ermidas, mosteiros e cidades. As ocasiões de fazer a experiência espiritual de uma partilha de vida, mesmo se elas são às vezes impostas a alguns, multiplicam-se em nosso mundo em mudança. Todos nós fazemos a experiência que o diálogo é mais fácil, mais caloroso, mais enriquecedor com certas tradições do que com outras. Mas nós sabemos agora que deve existir uma acolhida total do outro, qualquer que seja ele, e, em decorrência da encarnação, não podemos mais encontrar um lugar onde Deus não esteja. Não há outra saída senão ir em direção ao outro com amor, como Ele veio até nós. Ele nos conduz para a completa verdade, dando-nos algumas vezes a oportunidade de permanecermos respeitosamente atentos e presentes ao Mistério no outro.

Nossa comissão, a comissão australiana, assim como diversos centros, comunidades e indivíduos, viveram juntos um grande número de retiros, peregrinações, festas. Estivemos conjuntamente engajados, nas escolas de oração, em pesquisas de nível universitário, em we-

ek-ends sobre a cabala, o misticismo sufi, Abhishiktânanda, Bede Griffiths, festivais tibetanos, cerimônias hindus, meditações da ioga, observâncias do Ramadã.

Nós estamos particularmente felizes com a indicação do bispo auxiliar de Melbourne, Monseñor Christopher Prowse, para o CPDI. Seu profundo engajamento na cena inter-religiosa de Melbourne lhe permitirá trazer uma preciosa contribuição ao CPDI. Além disso, a bem recente escolha de Melbourne para sediar o Parlamento das Religiões, em 2009, testemunha também a respeito da qualidade das atividades inter-religiosas em Melbourne.

(P. Michael Mifsud)

A COMISSÃO INGLESA E A PARTICIPAÇÃO DOS OBLATOS

A situação do diálogo inter-religioso varia muito de mosteiro para mosteiro. Alguns parecem não ter ainda sido tocados por esta questão. Outros estão nela resolutamente engajados há vários anos.

A característica da comissão das Ilhas Britânicas é a colaboração com os anglicanos. Os monges e monjas da Igreja da Inglaterra estão mesmo entre os mais engajados neste encontro. O boletim local 'Monastic Encounter Bulletin' atesta o número de iniciativas surgidas nestas comunidades. Mas é preciso também mencionar a participação ativa dos oblatos beneditinos que se torna mais importante de ano para ano. Este últi-

mo fenômeno se encontra, aliás, em outros países, e há razão para nos regozijarmos a este respeito.

A Abadia de Downside prepara um número de sua prestigiosa revista, 'Downside Review', sobre o diálogo cristão-muçulmano. A Abadia de Douai, quanto a ela fala na revista 'The Oblate Life' a respeito de um artigo sobre os oblatos e o engajamento inter-religioso.

Destacamos, enfim, o trabalho de D. Timothy Wright, especialmente encarregado por Dom Abade Primaz das relações dos beneditinos com o islã.

NOTÍCIAS DA AJUDA INTERMONÁSTICA (AIM)

O Conselho da AIM se reuniu na abadia de Worth, na Inglaterra, nos dias 13 e 14 de novembro de 2007. D. Martin Neyt, seu presidente confirmou que a sede da AIM internacional permanecerá em Paris (Vanves). Ele evocou as realizações do ano passado em favor dos mosteiros da África, Ásia e América Latina. A AIM não traz apenas uma ajuda material aos mosteiros destes continentes, mas também um acompanha-

mento para a formação permanente. Além disso, dá atenção ao meio ambiente, e, em ligação com outras instâncias monásticas, igualmente às escolas.

O secretário geral do DIM/MID é sempre membro do Conselho da AIM. Foi assim que D. Pierre de Béthune participou desta reunião e nela esboçou um quadro geral da história do DIM, que surgiu da AIM (ver documento a este respeito, na página 17).

FIÉIS PERSEGUIDOS

Assim como é verdade, que os cristãos são os mais engajados no diálogo, é igualmente evidente que são eles os que têm atualmente mais a sofrer com a intolerância, em todos os lugares do mundo. São eles que expiam por todos os abusos perpetrados pelo Ocidente, quando este era todo poderoso. Mas esta revanche não é senão raramente exercida contra os ocidentais; aqueles que realizam estas represálias fazem isto contra seus compatriotas, que praticam o cristianismo, freqüentemente há várias gerações. Estes exemplos, que constituem o contrário do diálogo são lamentavelmente inúmeros: padres ou religiosos esfaqueados na Turquia; conventos pilhados no Bihar; clamores de morte no Karnataka (Índia), no Egito, nas Filipinas; leis anticonversão, no estado de Chhattigarth (Índia) e no Camboja; bispo chinês que falece em prisão.

Mas, nestes últimos meses, a atenção foi sobretudo voltada para os monges birmaneses.

BIRMÂNIA

Uma nuvem de silêncio caiu sobre a Birmânia. A mídia que havia amplamente coberto os acontecimentos do mês de setembro não encontra mais nada a dizer a respeito, depois que o regime militar instalado decidiu cortar todo contato com o exterior. As notícias as mais extravagantes circulam, mas não podem ser confirmadas, até o momento presente.

O que interpelou todo mundo foi a participação ativa dos monges, nos movimentos de protesto popular. A junta havia sempre manipulado a *sanga*, mas quando um repentino aumento de 500% do preço da gasolina desestabilizou a economia dos cidadãos, em particular dos mais pobres, os *bhikku* se colocaram ao lado dos que protestavam nas grandes cidades. Estes monges normalmente confinados em seus templos saíram aos milhares nas ruas. Tornou-se, então, evidente o quanto eles eram próximos das populações e solidários de seus problemas. Existe, na realidade, uma espécie de simbiose entre a *sanga* monástica e os fiéis leigos. Os monges sobrevivem graças às doações dos leigos, e estes últimos recebem dos monges suas razões de viver. Este tipo de relação, que se encontra em todos os países do budismo *theravada*, é geralmente muito bem vivido, mas se tornou frágil nos grandes centros urbanos.

Desde o 6 de setembro, « os monges de Pakokku, um dos grandes centros de estudos budistas, desencadearam uma marcha de protesto saindo de seus mosteiros e foram aclamados por milhares de pessoas ao longo do caminho que os conduzia à cidade », escreve um jornalista de origem birmanesa. Os soldados retiraram dezenas de monges do cortejo, amarraram os aos postes de eletricidade e neles bateram com pedaços de bambu. Um dos monges que participavam da marcha, então, explicou : « Nós não podemos nos sentar e olhar o povo que nos sustenta se afogar na pobreza; sua pobreza é também a nossa. »

O movimento de protesto se espalhou, em seguida, por todo o país, em particular na capital Rangoon. Mas quando os militares compreenderam o perigo, eles optaram por uma repressão violenta, da qual os monges foram as principais vítimas.

De fato, a tradição de engajamento na política é muito antiga, na Birmânia, e ela não desaparecerá facilmente. Ela se manifesta mais ou menos abertamente, segundo as circunstâncias, e ela pode se refugiar na clandestinidade. É assim que em 1988 e 1990 numerosos monges saíram às ruas para defender a democracia. Alguns foram mortos, outros estão ainda na prisão.

E, hoje, alguns meses depois dos levantes de setembro de 2007, parece que a força brutal e cega conseguiu mais uma vez estrangular este movimento. A não-violência é, com efeito impotente, num curto prazo. Mas a ação destes monges e destes leigos, na Birmânia, no Tibet ou no Camboja não é vã, pois ela nos inspira em todos os lugares do mundo, e nos convida a agir desta maneira, lá onde nós estamos.

No dia 23 de setembro de 2007, o Dalaï Lama dirigiu uma mensagem ao povo birmanês, na qual ele dizia, entre outras coisas o seguinte : « Exprimo meu apoio e minha solidariedade ao recente movimento pacífico pela democracia, na Birmânia. Tomo esta ocasião para lançar um apelo a todos os povos que amam a liberdade através do mundo, para que dêem seu apoio a tais movimentos não-violentos. Além disso, desejo expressar meu apreço sincero e minha admiração ao grande número de budistas birmaneses por seu engajamento em favor da democracia e da liberdade, na Birmânia. » (*Igrejas da Ásia*, nº 468-470)

SABER JULGAR OS SINAIS DOS TEMPOS

Em um contexto de pluralismo cultural e religioso mais marcado, tal como é previsível na sociedade do novo milênio, o diálogo inter-religioso é importante para assegurar as condições da paz e afastar o espectro aterrador das guerras de religião, que ensangüentaram períodos da história humana. O nome do Deus único deve tornar-se cada vez mais o que ele é : um nome de paz e um imperativo de paz.

Mas este diálogo não pode ser fundado sobre o indiferentismo religioso, e nós temos o dever, nós cristãos, de desenvolvê-lo oferecendo o pleno testemunho da esperança que está em nós (1P 3,15)... Mas nosso dever missionário de anunciar o Cristo não nos impede de entrar em diálogo com um coração profundamente aberto para a escuta. Nós sabemos, com efeito que, face ao mistério da graça infinitamente rica de dimensões e de implicações para a vida e a história do homem, a Igreja ela própria não acabará jamais de aprofundar sua pesquisa, apoiando-se na assistência do Paráclito, o Espírito de verdade (Jo 14,17), que deve precisamente conduzi-la à « plenitude da verdade » (Jo 16,13).

*Este princípio está na base não apenas do inesgotável aprofundamento teológico da verdade cristã, mas também do diálogo cristão com as filosofias, as culturas, as religiões. Frequentemente, o Espírito de Deus, que « sopra onde ele quer » (Jo 3,8), suscita, na experiência humana universal, apesar das inumeráveis contradições desta última, sinais de sua presença, que ajudam os discípulos do Cristo a compreenderem mais profundamente a mensagem da qual eles são os portadores. Não foi nesta atitude de humilde e confiante abertura que o Concílio Vaticano II dedicou-se a « ler os sinais dos tempos » ? (*Gaudium et Spes*, §4) Embora se entregando cuidadosamente a um atento discernimento para recolher os « verdadeiros sinais da presença do designo de Deus » (§11), a Igreja reconhece que, não apenas ela deu, mas que ela também « recebeu da história e da evolução do gênero humano » (§44). O Concílio convidou igualmente a adotar esta atitude de abertura e, ao mesmo tempo, de discernimento atento em relação às outras religiões.*

João Paulo II (Carta apostólica “*Novo millenio ineunte*”, 6/01/2001, § 55-56)

OUTRAS NOTÍCIAS

DO DIÁLOGO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

UMA CARTA ABERTA DE 138 DIGNITÁRIOS MUÇULMANOS a todos os responsáveis do mundo cristão

Nós publicamos entre os documentos (na página 23 do boletim 24 do DIM, em língua francesa) extratos da CARTA ABERTA difundida, no final do Ramadã, em 13 de outubro, pelo Instituto Real da Jordânia para o Pensamento Islâmico, a Royal Aal al-Bayt d'Amman, e assinada por 138 personalidades muçulmanas de todas as pertencimentos, sunitas, xiitas e outros, entre os quais os grandes muftis do Egito, da Palestina, de Omã, da Jordânia, da Síria, da Bósnia e da Rússia, e numerosos imãs e intelectuais dos cinco continentes. Ela foi endereçada ao Papa, a todos os patriarcas das Igrejas do Oriente, ao arcebispo de Canterbury e a todos os outros responsáveis das Igrejas cristãs.

O título desta carta, « *Uma palavra comum entre vocês e nós* », foi emprestado do Alcorão (3,64). O documento comporta umas quinze páginas datilografadas e insiste essencialmente sobre a fé comum em Deus e a obediência comum a seu mandamento de amor ao próximo. O tom e o que é visado nesta carta são sem precedentes. Assim sendo, ela é um marco na história do encontro entre muçulmanos e cristãos, e este texto concerne particularmente o diálogo da experiência religiosa.

Esta carta manifesta, sobretudo, que os mais influentes responsáveis muçulmanos tomam a iniciativa de entrar em diálogo explícito e aberto com os cristãos. Uma carta precedente, escrita em 15 de outubro do ano passado (ver IBI-22, p.11) e assinada por 38 dignitários muçulmanos, era uma resposta a um convite do Papa ao diálogo. Aqui, ao contrário, os 138 signatários anunciam claramente como eles encaram o diálogo inter-religioso, eles assinalam em que nível eles

querem se situar e estabelecem sua própria agenda. Eles não ignoram a conjuntura mundial e a responsabilidade das religiões no campo da paz, mas eles não crêem que se deva partir destas exigências sócio - políticas. Eles propõem, para que o diálogo seja fecundo, de partir do que constitui o coração das religiões abraâmicas; e de buscar, em seguida, como proceder conjuntamente. Enquanto que o Vaticano lembra incansavelmente que é preciso começar estabelecendo uma base de entendimento, no nível do direito e da moral, para assegurar o respeito dos direitos do homem e da liberdade religiosa, para defender os valores espirituais e trabalhar juntos na construção da paz; é extraordinário que a ‘palavra comum’, que este documento propõe que seja delineada, diga respeito essencialmente à adoração do Altíssimo e ao amor do próximo, em Seu Nome. « Apesar do Islã e do Cristianismo serem, de modo evidente, religiões diferentes – e que algumas de suas diferenças formais não possam ser minimizadas –, está claro que os *dois maiores mandamentos* representam um terreno de entendimento, assim como um elo entre o Alcorão, a Torá e o Novo Testamento. (...) Enquanto muçulmanos, e em obediência ao Alcorão, nós pedimos aos cristãos para se tenderem conosco, tendo como base o que estas duas religiões têm essencialmente em comum :...*a saber, de não adorar senão a Deus apenas, de nada lhe associar e de não nos tomarmos uns aos outros por mestres, além de Deus. (Alcorão 3, 64) ...*Que este terreno de entendimento seja a base de todo diálogo inter-religioso entre nós, no futuro; pois daquilo que nós temos em comum *procede toda a lei e os profetas (Mt. 22, 40)*»

Será que vamos levar em conta este modo de abordar o encontro das religiões, que nos propõem nossos interlocutores ?

Devemos igualmente assinalar vários sinais extraordinários de boa vontade, nesta carta. É verdade que não se encontra, neste documento, nenhuma expressão de pesar pelos danos infligidos contra os cristãos; mas não há, entretanto, nenhuma polêmica, nem pretensão de melhor saber. Ao contrário, quando há referências ao Novo Testamento, trata-se com certeza daquele dos cristãos, e não daquela estranha releitura que atesta o Alcorão. E os textos deste último são tomados em seu sentido o mais amplo. Toda forma de violência em nome da fé é nele, em todo caso, muito claramente denunciada. Quase no final deste documento,, há ainda uma interessante alusão aos motivos profundos para não se excluírem uns aos outros : ***o islã não é contra os cristãos ou a religião muçulmana não é contra o cristianismo***, pois como diz o Alcorão, « entre os detentores das Escrituras há uma comunidade piedosa [os monges] cujos membros passam noites inteiras a recitar os versos de Deus e a se prosternar.(...) Qualquer bem que eles façam, não lhes será recusado, pois Deus conhece bem aqueles que O temem. (Alcorão, 3. 113-115)

As respostas a esta carta chegam pouco a pouco, provenientes de diferentes destinatários cristãos.

O Vaticano desejava responder rapidamente a esta Carta, convidando ao diálogo. O cardeal Tauran gostaria que ela fosse a obra coletiva de diferentes destinatários da Carta. Assim sendo, aproveitou a ocasião de sua participação no encontro inter-religioso de Sant'Egidio, em Nápoles, para encontrar outros responsáveis cristãos destinatários desta Carta. Ele evocou também a questão com o patriarca ortodoxo de Constantinopla, Bartolomeu I. Igualmente presente em Nápoles, o dirigente da Igreja anglicana, o arcebispo de Canterbury, Rowan Williams,

propôs, quanto a ele, a organização de um encontro entre os destinatários da Carta e os signatários xiitas e sunitas.

O cardeal Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, declarou : « Trata-se de um sinal muito encorajador, que mostra que a boa vontade e o diálogo são capazes de ultrapassar todos os preconceitos. Este texto é uma abordagem espiritual do diálogo inter-religioso, que eu chamaria de 'diálogo das espiritualidades'. Os muçulmanos e os cristãos devem responder à mesma questão: « Na tua vida, Deus é verdadeiramente o Único? O Islã e a Igreja católica poderiam em todo caso instaurar um diálogo muito fecundo de cultura, de caridade e de espiritualidade. Com o Islã, nós podemos certamente contribuir para a salvaguarda de certos valores, como a sacralidade da vida humana, a dignidade da família e a promoção da paz. » O Cardeal evocou, ao mesmo tempo, a necessidade de uma compreensão recíproca que favoreça um enriquecimento mútuo. « Nos muçulmanos, podemos apreciar a dimensão da transcendência de Deus, o valor da oração e do jejum, a coragem de testemunhar sua própria fé, na vida pública. (...) De seu lado, os muçulmanos podem aprender conosco o valor de uma sã laicidade. »

O Papa respondeu à Carta, em 29 de novembro de 2007, convidando o príncipe Ghazi bin Muhammad bin Talal, presidente do Instituto para o Pensamento Islâmico, que tinha lhe transmitido pessoalmente a carta aberta ao Vaticano. Propôs-lhe um encontro de trabalho entre uma delegação muçulmana e o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso.

(Fontes Diversas)

VATICANO

O REI ABDALLAH BEN ABDEL AZIZ DA ARÁBIA SAUDITA É RECEBIDO EM AUDIÊNCIA POR BENTO XVI

A visita ao Vaticano do rei Abdallah, em 6 de novembro de 2007, foi ocasião para se evocar "o valor da colaboração entre cristãos, muçulmanos e judeus". Ele pretende promover uma iniciativa árabe de paz para o Oriente Médio.

O soberano saudita teve uma conversa privada de trinta minutos com Bento XVI, antes de encontrar o secretário de Estado da Santa Sé, o cardeal Tarcisio Bertone, segundo foi indicado por um comunicado do Ofício de Imprensa da Santa Sé.

Nesta primeira visita ao Vaticano de um soberano wahhabite, o clima de cordialidade das conversas permitiu que fossem abordados certos temas, como «o engajamento em favor do diálogo intercultural e inter-religioso, da coexistência pacífica entre os homens e os povos». Foi tratada a questão do «valor da colaboração entre cristãos, muçulmanos e judeus para a promoção da paz, da justiça e dos valores espirituais e morais, particularmente para apoiar a família».

O jornal francês, La Croix, sublinha a importância desta visita. Desde o século XVI-II, quando ocorreu a aliança da família Saud

com o wahhabismo, a Arábia saudita é governada por um regime religioso extremamente estrito. É um país muçulmano, onde a ligação entre política e religião é a mais forte: a Constituição do país é o próprio Alcorão. Assim sendo, a Arábia saudita proíbe oficialmente todo lugar de culto não muçulmano, na península árabe, considerada como terra santa. Ora, este país conta hoje com um milhão e meio de cristãos, essencialmente das Filipinas, pelos quais Roma reclama a liberdade religiosa.

Por outro lado, a Arábia saudita exerce uma influência importante, no conjunto do mundo árabe, não só em função das peregrinações para Meca e Medina, mas também por seus recursos financeiros. O wahhabismo está hoje em expansão na África, especialmente no Mali. A Arábia saudita constitui, portanto, um significativo parceiro do Vaticano para o diálogo islâmico - cristão. Aliás, vários dignitários religiosos da Arábia saudita assinaram a carta enviada ao Papa e aos outros responsáveis cristãos, no mês de outubro.

(Cathobel, 7 de novembro)

ASIA

TAIWAN

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CHEGA TAMBÉM À CHINA Nomeação do P. Benoît Vermander como consultor do CPDI na China

Jesuíta francês da província da China, residente em Taipei, o P. Vermander é diretor acadêmico do Instituto Matteo Ricci e redator da revista «Renlai». Cientista político e antropólogo de formação, ele acaba de publicar «China marrom ou China verde? Desafio ao Estado-Partido» (Presses des

Sciences politiques, outubro de 2007) e «A clausura dos carneiros, um vilarejo Nuosu no sudoeste da China» (ed. Les Indes savantes, novembro de 2007). Ele considera que: «o diálogo com as religiões presentes no mundo chinês é essencial para o futuro do cristianismo».

Interrogado sobre o significado desta nomeação para ele e para a Igreja, ele respondeu : « É uma grande surpresa para mim ! Mas espero ser um pouco útil... O diálogo com as religiões presentes no mundo chinês é essencial para o futuro do cristianismo, no seio das religiões do mundo, mas também para o futuro do planeta: a China desempenha um papel considerável no esforço que nós temos todos que fazer tendo em vista um desenvolvimento mais humano, mais durável, e uma melhor apreciação dos recursos espirituais do mundo chinês pode nos ajudar todos a nutrir a contribuição das religiões e das espiritualidades no combate pela reforme de nosso modelo de desenvolvimento. »

O Instituto Ricci de Taipei foi criado em 1966 pelo padre Yves Raguin, e há outros

institutos Ricci em Paris, São Francisco e Macau. Estes institutos são todas obras da Companhia de Jesus e eles são especializados na pesquisa e no diálogo em torno da cultura chinesa, antiga e moderna. A revista « Renlai » é uma revista em língua chinesa, lançada pelo instituto Ricci de Taipei, em janeiro de 2004. É uma revista que promove um humanismo evangélico para além das fronteiras visíveis da Igreja. Baseada em Taiwan, ela é difundida no conjunto do mundo chinês e se concentra sobre as questões da diversidade cultural, do desenvolvimento durável e de formação espiritual. Ela tem um *site* multimídia em inglês e em chinês, no endereço : <http://www.erenlai.com>

(Segundo ZENIT, 27 de novembro)

CORÉIA

PEREGRINAÇÃO CONJUNTA DE LÍDERES RELIGIOSOS A LUGARES SAGRADOS DE DIFERENTES TRADIÇÕES

Nos dias 2 e 3 de julho de 2007, os líderes religiosos da Coreia efetuaram uma peregrinação conjunta aos locais religiosos de cada religião, na região de Gyeongsangbuk-do, com o objetivo de promover a harmonia inter-religiosa. Era a primeira peregrinação conjunta da qual participaram os representantes mais importantes das sete principais confissões religiosas da Coreia: católicos, protestantes, budistas, budistas do zen, seguidores de Confúcio, praticantes de Chondogyo e associações das religiões étnicas. Pela Igreja Católica, participou o Rev. Hyginus Kim-Hee-joong, bispo auxiliar de Kwangju, presidente da Comissão para a promoção da unidade entre os cristãos e do diálogo inter-religioso, no seio da Conferência episcopal da Coreia.

Durante a peregrinação de dois dias, os líderes religiosos visitaram a Catedral Gyesan de Daegu e o santuário consagrado à Maria, na arquidiocese de Daegu, um santuário budista em Seongju, e o Templo budista Wonmun, em Cheongdo. Em cada lugar, eles plantaram árvores comemorativas. A peregrinação conjunta foi uma oportunidade para o aumento do respeito e da compreensão recíproca entre as religiões. Os participantes esperam que se possa construir juntos o bem comum, fundado sobre o respeito e sobre a cooperação; e que a harmonia possa continuar, sempre com base nos valores comuns da verdade, do amor e da justiça.

(Fides, 11 de julho)

FORTIFICAR A FÉ CATÓLICA ATRAVÉS DOS PONTOS DE ENCONTRO ENTRE A BÍBLIA E O CONFUCIONISMO

Os católicos sul-coreanos estudam a literatura sobre o pensamento de Confúcio à luz dos ensinamentos da Bíblia e se esforçam de aí encontrar uma ajuda para reforçar sua fé e sua identidade cristãs. « *Estudando os Analectes (Entrevistas) de Confúcio à luz da Bíblia, espero encontrar algumas esclarecimentos que enriqueçam minha fé sem perder minha identidade cristã* », explica Sophia Han Unsuk, católica e mãe de duas crianças. Ela assim se exprimia, no dia 29 de agosto último, no começo dos cursos que ela segue, pois ela está convencida de poder encontrar as 'raízes' de sua fé estudando as relações entre a Bíblia e a literatura sobre Confúcio.

Paul Sohn Byung-ok, um outro desses estudantes, acrescenta, quanto a ele, estar muito

interessado pelo confucionismo, por que foram os eruditos coreanos que, outrora, 'construíram' a comunidade católica. Com efeito, foram os leigos coreanos e não os missionários estrangeiros que introduziram o catolicismo na Coréia, em 1784. Paul Sohn, 59 anos, reconhece no diálogo inter-religioso e na reflexão pessoal uma das características importantes do século XXI°. «*É uma excelente oportunidade poder inserir uma nova perspectiva na vida dos cristãos*», afirma ele.

Os cursos de humanidades começaram em 1997, no instituto de catequese. O Oriente é estudado através do budismo, do confucionismo e do taoísmo.

INDIA

MARCHA INTER-RELIGIOSA PARA A PAZ PELOS 10 ANOS DA MORTE DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ - MUÇULMANOS, HINDUS, SIKHS E CRISTÃOS ORAM JUNTOS -

Os representantes de diferentes religiões participaram, na tarde de 4 de setembro, em Calcutá de uma marcha para a paz até o túmulo de Madre Teresa. Muçulmanos, hin-

dus, sikhs e cristãos marcaram assim os 10 anos da morte da fundadora das Missionárias da Caridade.

JAPÃO

Em 9 de janeiro de 2008, faleceu, em Kyoto, Hirata Seiko Roshi, Superior do mosteiro de Tenryu-ji, um dos mais importantes do Japão. Depois de sua formação monástica, ele estudou na Alemanha e fez uma tese comparando Mestre Eckart aos Mestres zens. Ele sempre permaneceu zeloso para ajudar a progredir os encontros inter-religiosos em profundidade. Ele esteve entre os organizadores dos 'Intercâmbios Espiri-

tuais Este - Oeste', desde suas origens. Mas foi, sobretudo, quando ele era presidente do *zen Bunka* (o Instituto de Estudos zen), que ele desenvolveu estes intercâmbios e fez questão de receber maravilhosamente as monjas e os monges cristãos, nos mosteiros zens. O DIM lhe permanece reconhecido por seu engajamento em favor destes importantes encontros.

EUROPA

2008 : ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

«A fé fala da grandeza do homem e a fé faz nascer um humanismo que não destrói a cultura mas que a enriquece » declarou o cardeal Jean-Louis Tauran, em uma recente entrevista concedida à *Rádio Vaticano*, no quadro do lançamento do Ano europeu do diálogo intercultural 2008, cuja máxima é : « Juntos na diversidade ». Esta iniciativa, lançada no início de dezembro pela Comissão européia, visa promover a riqueza da diversidade cultural, reforçando ao mesmo tempo o sentimento de pertencimento à União.

Sensibilizar os Europeus a respeito da importância do diálogo, promover os valores comuns do respeito mútuo, encorajar os intercâmbios e os debates: tais são os objetivos desta iniciativa, sustentada pela União Européia, os Estados membros e a sociedade civil européia, que aspira lançar os fundamentos de iniciativas estratégicas no campo do diálogo intercultural. Bruxelas acolherá notadamente sete debates em 2008 (na razão de um debate a cada dois meses). O primeiro debate, que ocorrerá em março, tratará do diálogo inter-religioso. Sobre este ponto, o cardeal Jean-Louis Tauran confiou à *Rádio Vaticano* algumas reflexões sobre os pontos

de intersecção entre cultura e religião, fé e razão.

«Não há cultura sem religião, e não há religião sem cultura », afirmou ele, lembrando o que o papa João Paulo II dizia a este propósito : « uma fé que não se torna cultura é uma fé que não é completamente acolhida ». O cardeal Tauran estima que é importante sublinhar que « a Igreja não pode estar fechada numa cultura », porque a Igreja « não transmite um sistema de pensamento, não transmite um livro do passado, mas ela transmite a palavra do Deus vivo ».

« O diálogo inter-religioso se situa evidentemente no nível da relação do homem com Deus, do homem que se coloca as grandes questões sobre o sentido da vida, sobre o sentido da morte, o sentido do mal », prosseguiu o cardeal Tauran explicando que « no diálogo inter-religioso, há toda uma pedagogia que ajuda a tomar consciência da unidade do gênero humano, da dignidade da pessoa, e que desemboca fatalmente na exigência do perdão e do conhecimento recíproco».

(Zenit, 7 de janeiro de 2008.)

LIVROS

Godfried Cardinal DANNEELS : 'Não apagueis o sopro'. Entrevistas com Dennis Gira. Bayard Presse, 15, 90 €.

«Não apagueis o sopro. » (1 Tes 5, 19). Estas palavras, que São Paulo dirigiu aos tessalonicenses, no Iº século, não perderam de modo algum sua atualidade! Numa aprofundada entrevista concedida a Dennis Gira, o Cardeal Godfried Danneels se refere a esta frase para exprimir sua concepção do diálogo, que segundo ele se revela indispensável. Ele exprime a urgência de manter todas as

formas do diálogo: no seio mesmo da Igreja, com as outras religiões, com os leigos. Estas entrevistas permitem de considerar a dinâmica do diálogo como o sinal seguro que o Espírito, o « Sopro », não está extinto, e de retornar aos fundamentos da fé que anima cada cristão.

(Cathobel, 8 de novembro)

Pierre-François de BÉTHUNE, *A Hospitalidade sagrada entre as religiões*, (prefácio de Raimon Panikkar), Albin Michel, Paris 2007, 220 pp. ; € 16, 50.

Dez anos após ter publicado uma primeira muito apreciada coletânea de ensaios sobre '*Pela fé e hospitalidade*' (logo traduzida em várias línguas), o P. Pierre de Béthune retoma o argumento sobre uma base mais ampla e mais profunda. Em uma primeira parte, ele testemunha, retrazando seu percurso por etapas de encontro com o monaquismo budista zen, inicialmente em Roma e depois no próprio Japão. Velhas experiências de mais de trinta anos são descritas com grande acuidade e apontam todas em direção a uma liberação palpitante de vida e de verdade, e acompanhadas de um imenso reconhecimento. A segunda parte amplia as perspectivas, tirando conclusões para uma prática efetiva de encontro inter-religioso entre monges. Receios e objeções são contados com finura, humor e benevolência. Ainda aqui, a experiência dos encontros recíprocos, na Europa e no Japão desde 1979, com monges, monjas e mestres budistas, nos quadros do DIM, vem esclarecer e nutrir substancialmente uma reflexão que se refere tanto ao método quanto ao fundo do diálogo. Outras testemunhas e pioneiros

são citados (Thomas Merton, Louis Massignon, Serge de Beaurecueil, Henri Le Saux, Christian de Chergé, entre outros), outros universos abordados (o diálogo com o Islã, em particular). Este livro se dirige a todos, de diferentes maneiras. Gostaríamos que ele fosse lido particularmente por aqueles que hoje dizem sobretudo que têm medo. O livro assegura com seu vai-e-vem entre a experiência e a reflexão em profundidade : não há realmente razão para ser temeroso. Ao contrário. O monge cristão, que vai a fundo, no autêntico encontro com o monaquismo budista, por exemplo, se descobre sendo mais monge e ainda mais cristão. Ele vive, na verdade, um belo paradoxo : « aliar a exigência de uma ligação exclusiva com o Cristo à exigência de uma abertura incondicional aos outros em nome do mesmo Cristo ». Reconheçamos a grandeza e a beleza de uma tal maneira de ser: ninguém fechará o livro sem um sentimento de gratidão pela luz tonificante recebida e partilhada, de uma margem à outra.

Benoît Standaert

DOCUMENTOS E ESTUDOS

O ENCONTRO DE NÁPOLES¹

APELO PARA A PAZ

Homens e mulheres de diferentes religiões, vindos de diversas partes do mundo, nós nos reunimos em Nápoles para tecer laços fraternos, e para pedir a Deus o grande dom da paz. O nome de Deus é a paz.

No coração do Mediterrâneo e desta cidade extraordinária, de grande generosidade, que conhece bem a miséria, nós nos debruçamos sobre as feridas do mundo. Há uma doença contagiosa que se chama violência. A violência é a triste companheira de todos os dias de tantos homens e mulheres de nosso planeta. Ela toma a forma da guerra, do terrorismo, da pobreza e do desespero, da exploração do planeta. Ela se nutre do desprezo, ela fomenta o ódio que atormenta, mata a esperança e semeia o medo; ela atinge os inocentes, desfigura a humanidade. A violência tenta o coração do homem lhe dizendo: « Nada pode mudar ». Este pessimismo leva a acreditar que é impossível viver juntos.

Em Nápoles, podemos dizer com mais força que ontem que ninguém utiliza o nome de Deus para odiar o outro, para cometer atos violentos, para fazer a guerra, blasfemar o nome de Deus.

Como nos disse Bento XVI : « Jamais se pode, invocando o nome de Deus, justificar o mal e a violência ».

Nós nos debruçamos sobre nossas tradições religiosas, nós escutamos a dor do Sul do mundo, e nós sentimos o peso do pessimismo herdado do século XX, pesado de guerras e ilusões perdidas. É necessária a força do Espírito de amor, que ajuda a reconstruir uma humanidade dividida. A força do espírito muda o coração do homem e a história.

Penetrando no mais profundo de nossas tradições religiosas, nós redescobrimos que, sem diálogo, não há esperança e nós nos condenamos a ter medo um do outro. O diálogo não anula as diferenças. O diálogo enriquece a vida e dissipa o pessimismo que vê no outro uma ameaça. O diálogo não é uma ilusão dos fracos, mas a sabedoria dos fortes que sabem se remeter à força fraca da oração: a oração muda o mundo e o destino da humanidade. O diálogo não enfraquece a humanidade da pessoa mas incita cada um a ver o melhor do outro. Nada é jamais perdido com o diálogo, tudo é possível com o diálogo.

Aqueles que ainda matam, que semeiam o terrorismo e fazem a guerra em nome de Deus, nós repetimos : « Parem! Não matem! A violência é sempre uma derrota para todos ! »

Nós nos engajamos a procurar e a propor a nossos correligionários a arte de viver junto. Só assim a unidade da família humana será preservada. É preciso corajosos construtores em todas as culturas, em todas as tradições religiosas. Nós necessitamos da mundialização do espírito que faça ver o que não se vê mais, a beleza da vida e do outro, em todas as circunstâncias, mesmo as mais difíceis.

Nossas tradições religiosas nos ensinam que a oração é uma força histórica que move os povos e as nações. Humildemente, nós colocamos esta sabedoria antiga a serviço de todos os

¹ Texto do XXIº Encontro inter-religioso organizado pela Comunidade Sant'Egidio (Roma) sobre o tema « *Por um mundo sem violência: religiões e culturas em diálogo* », que reuniu 315 representantes de diversas religiões e 600 jornalistas credenciados, em Nápoles (Itália) de 21 a 23 de outubro de 2007.

povos e de todos os homens e mulheres, para abrir um novo horizonte liberado do medo e do desprezo do outro. É o espírito de Assis que, a partir de Nápoles, se opõe com força e coragem ao espírito de violência e a um mau uso da religião, que se torna pretexto para a violência.

Certos de que, neste caminho, a paz pode se tornar um dom para o mundo inteiro, nós nos confiamos ao Altíssimo.

O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Em uma entrevista concedida ao ZENIT, Andrea Riccardi considera que o livro de Samuel P. Huntington sobre o choque de civilizações « deve ser tomado muito a sério. »

Fiquei surpreso de ver que este livro circulava enormemente no mundo árabe, e que ele era mesmo apreciado por certos meios fundamentalistas, provavelmente porque ele conta o que muitos querem ouvir dizer: este choque é nossa condição de vida ? E o que ocorreu no 11 de setembro seria a prova que Huntington tinha razão ?

Penso que nós atravessamos um momento difícil mas, neste contexto de dificuldade, cabe a nós a responsabilidade de inventar um modelo ou de o fazer surgir da realidade, e digo a mim mesmo que este modelo é a civilização do viver junto.

Há numerosas civilizações diferentes, numerosas religiões. A civilização universal não existe e isto não existe tampouco com a mundialização. ... Aliás meu livro fala justamente deste processo de mundialização face ao despertar das identidades do passado, acrescentou. Face à mundialização nós estamos todos nus, então nós queremos nos vestir e ostentar as nossas cores.

As identidades bem que existem, as civilizações existem, as culturas existem, as nações existem, as religiões não morrem. Mas como é possível que a secularização não tenha podido sair vitoriosa ? O mundo não é uma grande França, onde há mais modernidade e menos religião. A necessidade de religiosidade é grande, em todos os lugares, mesmo na Europa. Então o problema não é o de destruir a identidade, mas é o de viver junto ». « Penso que a laicidade é um modelo de coabitação que interessa muitos países: a França, a Espanha, a Itália, o Portugal, e ainda alguns outros. É um modelo interessante e importante, mas estou convencido que criar uma separação entre leigos e crentes não é o que há de mais inteligente a fazer nos países europeus, pois creio que nossos países têm necessidade de ‘ressourcement’, como dizem os franceses, ir até às origens, às fontes de seu próprio discurso religioso ».

« Criar divisões no nível do discurso religioso é uma coisa estúpida. É preciso compreender que a vida religiosa é uma das componentes essenciais de nossa identidade. Naturalmente não a única. »

A resposta se encontra na « civilização do viver junto », ou dito de uma outra maneira, na « capacidade de fazer conviver vários mundos diferentes e de neles se fundir ». « Há muitos anos, falo da mestiçagem, que nasceu, no México, no momento desta primeira grande mundialização que foi a conquista da América ... Esta coabitação repousa sobre o diálogo, um diálogo que não significa ‘perda de identidade’ ... Um diálogo sem identidade não existe. Portanto, o diálogo requer uma forte identidade, e o fato de dialogar não é em si uma identidade. Se você e eu dialogamos, é porque você representa algo a meus olhos e eu represento alguma coisa para você.

A segunda coisa que gostaria de dizer é que cada um tem em si várias identidades. Sou católico e me defino como tal, mas carrego em mim a herança laica; meu ser cristão está impregnado, implicitamente, da tradição judaica, da experiência do contato com uma cultura laica e socialista, e assim por diante... Alguns dentre nós, escolhemos o que queremos ser, mas nes-

sa identidade a pureza é um mito, e freqüentemente um mito perigoso. Este mito inventado pelos fundamentalistas é perigoso. O fundamentalismo é uma grande simplificação.

Eis a razão pela qual Andrea Riccardi se diz firmemente oposto ao « relativismo », que consiste a recusar toda verdade. «O relativismo corresponde a um mundo sem história, um mundo que não tira lições da tradição, de suas origens. Considero este um ponto crucial. A cegueira da modernidade europeia reside, portanto, no fato que ela não quer tirar as lições da tradição. Enquanto que nós o deveríamos fazer. A questão do relativismo é muito freqüentemente uma questão de discurso construído entre as quatro paredes de um laboratório.

DOM THOLENS CONTA

Nós publicamos aqui a resposta a uma enquête realizada, nos Países Baixos, por Christa Anbeek sobre a prática do zen nos mosteiros dada por Dom Cornelius Tholens. Ele está, juntamente com Dom Jean Leclercq, na origem do DIM. Nos anos 60 e 70, ele engajou toda sua credibilidade de Abade beneditino para promover o diálogo inter-religioso.

Tive uma quantidade enorme de experiências durante todos os anos em que me ocupei do diálogo inter-religioso. Os esforços que fiz não foram sempre apreciados por todos. Comecei fazendo coisas muito simples por mim mesmo na época em que era Abade de Slangenburg. Começamos por exercícios zen em um celeiro vazio. Não recebi muito suporte de meus confrades. Por isto, digo às pessoas que querem se engajar no zen : não tentem arrastar atrás de vocês vosso superior nem toda a comunidade. Felizmente agora, em muitos lugares, há mais compreensão, e portanto mais abertura de espírito, mas as coisas não correm assim, em todo lugar. É preciso antes de tudo buscar e seguir seu próprio caminho nesse campo. Se de modo íntimo, você chega a desenvolver a oração ou ainda a se abrir para o mistério da existência, não deve ser alguma coisa grandiosa ou de grande impacto. É um caminho interior. Ele é, de fato, universal. Não há nada de especial nisto. Minha atividade foi freqüentemente pintada como uma atividade insólita de um cristão pela metade. Não importa o que se diga, isto não me toca. Trata-se de alguma coisa de mais profundo. A meditação e a filosofia oriental não são, de qualquer modo, senão auxiliares. O que é importante é de, neste tempo forte com tantas tendências diferentes, ter a coragem de chegar a uma tomada de consciência do mistério que não se fundamenta nas palavras, a fim de chegar a compreender o sentido mais profundo do fato de ser homem. Manter silêncio diante do grande mistério: eu existo.

Durante três anos, vivi num *Ashram*, na Índia. Isto muito me ajudou. Depois, retornei para a Europa.

Foi, sobretudo, durante meu período em Amsterdã, que tive muito que enfrentar a questão : « Que faremos com as outras religiões ? » Este foi um tempo apaixonante. Recebi pessoas com toda sorte de questões. Havia, por exemplo, pessoas que mergulhavam no budismo, mas experimentavam sentimentos de culpa em relação à Igreja. Tentava então tranquilizá-las. Não lhes dizia : « Dizei adeus a vossa própria fé. » Lembra-lhes o significado do Cristo, de seu batismo. « É preciso saber guardar o valor de vossa própria religião sem excluir os outros. Vocês pertencem a um grande mistério. Nele se entra pelo batismo. »

Pode ser que seja as vezes um pouco arriscado. Não se deve tampouco dar a impressão que a Igreja está ultrapassada. Por exemplo, os sacramentos não são menos bons do que a meditação. De fato, é preciso ver a dimensão universal que se encontra bem no fundo de cada religião. Enquanto isto, permaneci tranquilamente católico.

Pessoalmente o breviário nem sempre me encanta. E quando tomo, então, uma obra, que fala dos Vedas da Índia, atinjo a profundidade que busco. Mas ela se encontra igualmente no cristianismo. O canto gregoriano também atinge esta profundidade. Nos Vedas, vocês encontram

igualmente muitos pensamentos que levam a Deus como Pai benevolente, que nos dá a sabedoria, que é fonte de vida.

Trata-se portanto de atingir o núcleo universal, e isto pode ser feito de uma maneira completamente diversa daquela que sempre se imaginou. Pode mesmo ocorrer que alguém que chegou a estar bloqueado em seu próprio fundo religioso, encontre a solução seguindo uma outra via.

Uma grande liberdade interior se devolveu, de qualquer maneira, no contato com as outras religiões. Minha irmã Ina me disse um dia: ‘Nunca rezei tão pouco, mas jamais acreditei tanto como agora’. Reconheço-me nessas palavras. Ela é profundamente crente, mas não se sente tão bem com muitas formulações.

Estou agora numa idade avançada. Meu corpo está usado. Este corpo que aprendi a conhecer como uma tão grande maravilha. Ele é muito mais do que um pedaço de carne. No meu corpo, posso viver uma experiência mística do mundo. Com este conhecimento, vivo tranquilamente em direção ao coroamento.

Segundo São Francisco, o homem é o coroamento do universo. O intelecto é o coroamento do homem, o amor é o coroamento do intelecto e o desapego o coroamento do amor. Assim sendo, o amor de Deus é nosso objetivo.

QUARENTA ANOS DE HISTÓRIA DO DIM

*Uma apresentação ao Conselho da AIM, em Worth,
por Dom Pierre de Béthune, em 14 de novembro de 2007*

Foi no seio da AIM que a tomada de consciência da dimensão inter-religiosa do monaquismo emergiu.

Existiram com certeza pioneiros, desde antes da criação da AIM. Mas eles eram isolados. A história monástica sempre conheceu monges excêntricos, geneticistas, astrônomos, arqueólogos ou curiosos a respeito das culturas exóticas. O espírito beneditino convidava a tolerá-los. Mas eles tinham muito pouca influência na Ordem.

Eis porque se pode dizer que a realidade do monaquismo não cristão só foi percebida coletivamente por ocasião do congresso pan asiático da AIM, em Bangkok, no ano de 1968. Isto aconteceu três anos após a promulgação do Decreto *Nostra Aetate*.

Houve, então, a descoberta feita por todos os participantes dos *bhikkus*, presentes por todos os cantos da cidade e na zona rural. O patriarca dos budistas da Tailândia veio saudar os membros do congresso. E, sobretudo, houve o acidental falecimento de Dom Louis, Thomas Merton. Sua morte, no decorrer de uma viagem na Ásia, e a publicação de seu Diário revelaram o quanto ele tinha sido tocado pelo encontro das religiões. De qualquer maneira, por ocasião deste congresso, Dom Abade Primaz Rembert Weakland, Dom Jean Leclercq; Dom Cornelius Tholens e outros monges influentes compreenderam a importância e o valor dos outros monges e das outras religiões.

Assim, quando, em 1973, tratou-se de organizar um outro congresso pan asiático da AIM, o tema escolhido foi ‘a experiência de Deus em todas as religiões’. Mas, na saída deste congresso de Bangalore, ao qual numerosos especialistas vieram trazer sua contribuição, Dom Abade Rembert ressaltou que haviam poucos monges entre eles.

Um ano após, o cardeal Sergio Pignedoli, presidente do secretariado para os não cristãos, respondeu à aspiração de Dom Abade de ver crescer o interesse pelos outros monaquismos, enviando-lhe a este respeito uma carta de encorajamento, que foi amplamente difundida. Nela, ele assinalava o papel de *ponte* entre as diversas tradições monásticas, que os monges cristãos

poderiam desempenhar. E ele acrescentava: sem os monges nós não poderemos bem nos apresentar diante das religiões, como o hinduísmo e o budismo, onde o monaquismo tem um tão grande lugar.

Em seguida a estas recomendações, o conselho da AIM confiou a Dom Tholens a instalação de um gabinete para o diálogo inter-religioso.

Ele organizou duas reuniões de monges e monjas interessados: um em Petersham, nos Estados- Unidos e outro em Loppem, na Bélgica. Duas comissões puderam assim ser criadas, em 1978 : uma para a América do Norte, à Clyde ; e outra para a Europa, em Vanves.

Dez anos após Bangkok, a dimensão inter-religiosa tinha, portanto, encontrado seu lugar na Ordem monástica cristã do Ocidente.

Os dezesseis anos seguintes viram o DIM/MID se desenvolver e se organizar, sempre no interior da AIM. As reuniões do DIM europeu ocorriam, aliás, após as reuniões do conselho de gestão da AIM. Nos Estados Unidos, ao contrário, a comissão tomou o nome de *North American Board for East-West Dialogue (NABEWD)*, tendo assumido orientações próprias.

Durante estes anos o ‘movimento dialogal’ pouco a pouco se desenvolveu.

O primeiro objetivo das comissões é, com efeito, atingir o maior número possível de pessoas monásticas, e através delas um público mais amplo. Para isso, as comissões convidaram cada mosteiro para designar uma ‘pessoa de contato’ que velaria mais especialmente por esta dimensão dialogal da vida espiritual, em sua comunidade. Desse modo, uma tomada de consciência sobre as outras religiões pode ser difundida, a fim de permitir de sair do surpreendente isolamento que caracterizou os anos precedentes. Até então, com efeito, os monges e monjas cristãos pareciam não se questionar sobre o fato deles não serem senão uma fração desta população de pessoas religiosas engajadas em uma busca de Deus ou do Supremo, e que estão espalhados quase em todos os cantos do mundo.

Numerosos intercâmbios intermonásticos foram organizados, tanto pelo DIM como pelo NABEWD, e também colóquios, como aquele animado por Dom Raimon Panikkar, sobre o ‘monge como arquétipo universal’ a partir do qual surgiu o livro *Elogio do simples*.

Ao final destes anos, parece que o DIM encontrou sua identidade e seu método de trabalho. Nesse período comissões análogas foram criadas, na Austrália, na Índia e no Sri Lanka. Dom Abade Primaz Jérôme Theisen, em acordo com os Abades Gerais Cistercienses, decidiu, então, fazer destas comissões um organismo autônomo, dentro da Ordem monástica, assim como a AIM.

Desde então, a partir de 1994, as diferentes comissões continentais, ligadas entre elas através de um secretariado geral, continuam seu desenvolvimento.

No momento em que deixo o lugar de secretário geral para Dom William Skudlarek, dou-me conta que há ainda uma quantidade enorme de coisas por fazer. A tarefa do DIM/MID para promover o movimento dialogal apenas começou, na Ordem monástica. Posso, contudo, fazer um balanço do que me parece adquirido, desde a criação das primeiras comissões, há trinta anos.

Nós nos beneficiamos de quatro realizações ou tomadas de consciência.

1. Grandes reuniões intermonásticas foram pontos de referência. Penso, em particular, naquela de Gethsemani, em 1996, da qual participaram o Dalaï Lama, Maha Ghosananda, Eshin Nishimura, e tantas outras personalidades budistas e cristãs. Existiram muitas outras reuniões semelhantes, sobretudo nos Estados- Unidos.

2. A Europa se especializou em um outro tipo de encontro, os ‘Intercâmbios Espirituais Leste-Oeste’ entre monges beneditinos e budistas zen do Japão. Ao longo de dez estadias em mosteiros, alternativamente na Europa e no Japão, numerosos monges e monjas puderam avançar em uma compreensão mútua em profundidade.

3. A ‘Carta sobre alguns aspectos da meditação’, publicada em 1989 pela Congregação para a Doutrina da Fé, foi um convite para uma reflexão sobre o acolhimento dos métodos orientais

de meditação em nossa vida monástica cristã. O cardeal Francis Arinze, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, me dirigiu uma carta na qual ele solicitava ao DIM de fazer uma avaliação a este respeito. Isto se tornou a ocasião para uma vasta consulta. Ela levou à publicação, no Boletim do CPDI, de um documento intitulado ‘Contemplação e Diálogo’, que foi bem acolhida.

4.A experiência dos irmãos de Tibhirine nos permitiu ver como viver enquanto monges o encontro com os muçulmanos. Seu testemunho mostrou, com efeito, que era possível ter um ‘diálogo’ fecundo com todos aqueles que oram, mesmo se os intercâmbios no nível da doutrina são difíceis. Assim sendo, a comissão européia do DIM fez questão de organizar sua reunião de 2007, em Midelt, na pequena comunidade trapista que continua a tradição de Tibhirine. Nós podemos constatar, em conclusão, que as intuições expressas há quarenta anos por Thomas Merton começam a tomar forma. A contribuição específica dos monges e monjas para o diálogo aparece agora mais claramente. Eles não têm certamente o monopólio do ‘diálogo de experiência religiosa’, mas eles estão bem preparados para manterem este tipo de encontro no nível o mais profundo: um encontro que não é apenas uma boa comunicação, mas uma comunhão entre ‘aqueles que buscam a Deus’.

O cristão não cria sua identidade; ele a recebe do Espírito, ele a tira de seu encontro com Deus, de seu combate com o anjo. (...) Nenhuma necessidade de defende-la; convém antes testemunhar a este respeito através de um engajamento total. Encarnar o Espírito enviado por Jesus ressuscitado não consiste em tornar-se mestre dele, mas em segui-lo com toda humildade, no mistério do Pai. (...) Em suma, não é em seu apego aos dogmas que o cristão mostra sua especificidade, pois a verdade adquirida pelo homem não é jamais completa. É mais no acolhimento corajoso do mistério que não cessa de se revelar nas vias conhecidas apenas de Deus, um acolhimento que ocorre antes de tudo na relação com o outro, em ocorrência no amor daquele que crê de outro modo.

Fabrice Blée, *Le désert de l'altérité*, p.209.

COMISSÕES PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO MONÁSTICO
MONASTIC INTERRELIGIOUS DIALOGUE COMMISSIONS



INTERNACIONAL
BOLETIM
INTERNATIONAL

Publicado duas vezes por ano em inglês, francês e espanhol, pelo Secretariado Geral das Comissões do DIM, este boletim é enviado aos membros destas Comissões e a todas as pessoas engajadas no diálogo que o solicitarem.

Vocês podem encontrar este boletim, assim como os precedentes, no *Site*:

www.dimmid.org

Não existem, sobretudo, em nos comunicar todo e qualquer acontecimento ou encontro suscetível de interessar os leitores deste boletim.

Nós lhe seremos reconhecidos si puderem contribuir para o financiamento deste Boletim. O preço pelos 2 números anuais é de **15 €**. Para fazer este pagamento pode-se seguir a recomendação do difusor ou endereçar o pagamento diretamente à : ASBL DIM (Allée de Clerlande 1 B-1340 Ottignies, Bélgica). Conta bancária N° : 001-1205592-55 do Banco Fortis, cujas indicações são: BIC GEBABEBB / IBAN BE31 0011 2055 9255.

Edição americana (do *MID Bulletin*) disponível unicamente no *Web site*:

www.monasticdialog.com

Edições inglesas:

- Austrália: Fr. John Dupuche, jrdupuche@pacific.net.au
- Índia, Sri Lanka: Ir. Iona Misquitta, osb, shanti@bgl.vsnl.net.in
- G.B. e Irlanda: Ir. Lucy Brydon, osb, SisterLucy@turveyabbey.freeserve.co.uk

Edição francesa –

F & CH Dom Antoine Desfarges, Abbaye Notre-Dame, F-27800 Le Bec Hellouin
Bélgica e outros países : Pierre-François de Béthune

Edição espanhola: Ir Griselda Cos osb : puiggracios2003@yahoo.es

Editor responsável

Fr. Pierre-François de Béthune
Monastère de Clerlande
B-1340 Ottignies, Bélgica
Tel. (32) 10 42 18 33 ;
Fax (32) 10 41 80 27
E-mail : pdb@dimmid.org

Secretária de redação

Sr. Marie-André Houdart
Monastère Notre Dame,
Rue du monastère, 1
B-5644 Ermeton-sur-Biert, Bélgica
Tel. : (32) 71 72 00 40
E-mail : ibi.dimmid@scarlet.be